

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIANA NASCIMENTO ASSUNÇÃO AZEVEDO

**SER MÃE E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM
RELATO AUTOBIOGRÁFICO**

CODÓ

2024

JULIANA NASCIMENTO ASSUNÇÃO AZEVEDO

**SER MÃE E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM
RELATO AUTOBIOGRÁFICO**

Artigo apresentado ao Curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/UFMA – Centro de Ciências de Codó, como requisito final para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais

CODÓ

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento Assunção Azevedo, Juliana.

SER MÃE E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA :
um Relato Autobiográfico / Juliana Nascimento Assunção
Azevedo. - 2024.

22 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Universidade Federal do Maranhão-ufma- Campus Codó, 2024.

1. Mãe. 2. Professora. 3. Educação Especial. 4.
Inclusão. 5. . I. de Sousa Morais, Prof. Dr. Joelson.
II. Título.

JULIANA NASCIMENTO ASSUNÇÃO AZEVEDO

**SER MÃE E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM
RELATO AUTOBIOGRÁFICO**

Artigo apresentado ao Curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/UFMA – Centro de Ciências de Codó, como requisito final para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais (UFMA)
Orientador

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa (UFMA)
1º Avaliadora

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
2º Avaliadora



SER MÃE E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Juliana Nascimento Assunção Azevedo

RESUMO

Este trabalho busca relatar a experiência de ser mãe e professora auxiliar na área da educação especial e inclusiva e as dificuldades enfrentadas em ambas as partes. A narrativa autobiográfica aborda os desafios, aprendizados e reflexões que surgem da convivência com crianças que possuem necessidades especiais, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, ao compartilhar situações do dia a dia, o trabalho destaca momentos de superação. Além disso, o trabalho enfatiza como a experiência pessoal enriquece a prática docente, contribuindo para uma abordagem mais sensível e contextualizada no ensino. O objetivo é compartilhar vivências que possam contribuir para a formação de profissionais, o desenvolvimento de currículos adaptados e a colaboração entre escola, família e comunidade, além de sensibilizar a sociedade sobre a importância da inclusão e do acolhimento das diferenças. Para fundamentar esta pesquisa eu trouxe contribuições do autor Paulo Freire (1987), Mantoan (2003), Vygotsky (1998), entre outros(as). A metodologia utilizada neste trabalho foi uma pesquisa qualitativa bibliográfica. A reflexão sobre essa dupla jornada pretende inspirar outros educadores e familiares a abraçarem a diversidade, promovendo um ambiente mais justo e igual para todas as crianças. Através de relatos pessoais, esta pesquisa vai fazer a ligação entre a maternidade e a docência, apontando a empatia e também de como é importante o apoio da família para uma mãe que tem filho com necessidades especiais já que crianças atípicas requerem todo cuidado necessário.

Palavras-chave: Mãe, Professora, Educação especial, Inclusão.

ABSTRACT

This work seeks to report the experience of being a mother and assistant teacher in the area of special and inclusive education and the difficulties faced on both sides. The autobiographical narrative addresses the challenges, learning and reflections that arise from living with children who have special needs, both in the family and school environment, by sharing everyday situations, the work highlights moments of overcoming. Furthermore, the work emphasizes how personal experience enriches teaching practice, contributing to a more sensitive and contextualized approach to teaching. The objective is to share experiences that can contribute to the training of professionals, the development of adapted curricula and collaboration between

school, family and community, in addition to raising awareness in society about the importance of inclusion and embracing differences. To support this research I brought contributions from the author Paulo Freire (1987), Mantoan (2003), Vygotsky (1998), among others. The methodology used in this work was a qualitative bibliographic research. Reflecting on this double journey aims to inspire other educators and families to embrace diversity, promoting a fairer and more equal environment for all children. Through personal accounts, this research will make the connection between motherhood and teaching, highlighting empathy and also how important family support is for a mother who has a child with special needs as atypical children require all necessary care.

Keywords: Mother, Teacher, Special education, Inclusion.

INTRODUÇÃO

A maternidade e a prática da educação especial e inclusiva são experiências que, embora distintas, se cruzam de maneira significativa na vida de muitas mulheres. O relato autobiográfico que aqui vou apresentar evidencia esse encontro, revelando não apenas os desafios e conquistas, mas também as lições que surgem dessa vivência. Como afirma Paulo Freire (1987, p.78), "Educação é um ato de amor, portanto, um ato de coragem". Esse amor e coragem se manifestam tanto no papel de mãe quanto no de professora auxiliar, ambos envolvendo uma sensibilidade especial e uma adaptação constante às necessidades do outro.

A educação inclusiva, segundo Mantoan (2003, p.15-30), "É um direito humano e uma questão de justiça social". Esse princípio guia a atuação na sala de aula, onde o respeito à diversidade e o avanço de um ambiente acolhedor são fundamentais. Ao mesmo tempo, a experiência de ser mãe de uma criança que pode ter suas próprias necessidades especiais traz à tona reflexões profundas sobre a inclusão e os desafios enfrentados no cotidiano. A conexão entre teoria e prática, conforme destaca Vygotsky (1998, p.61), "O aprendizado é um processo social", enfatizando a importância das interações e do ambiente na formação do indivíduo. Neste sentido, a relação entre a família e escola é essencial para a criação de um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral da criança. O interesse pela pesquisa surgiu a partir do momento que recebi o diagnóstico do meu filho sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno Opositor do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e TOD (Transtorno Opositor Desafiador).

A vivência de ser mãe e educadora, muitas vezes, exige um constante equilíbrio entre a empatia e a autoridade, entre o carinho e a disciplina. A psicóloga Ana Beatriz Barbosa Silva (2010, p.23) destaca que a “maternidade é uma jornada de aprendizado contínuo”, que se estende para a atuação profissional, onde a escuta ativa e as observações se tornam fundamental. O papel da professora auxiliar da educação especial também envolve a criação de estratégias pedagógicas que respeitem as particularidades de cada estudante, promovendo um espaço onde todos possam se sentir valorizados e incluídos.

Neste relato, buscarei reunir experiências pessoais e referências teóricas, refletindo sobre como a vivência na educação especial e a maternidade se complementam, proporcionando um aprendizado correspondente e transformador. Como diz a educadora Anna Freud (1992, p.45), "A educação é o que sobrevive quando o que se aprendeu já foi esquecido", ressaltando a importância das experiências vividas e das relações estabelecidas ao longo do percurso educativo. Assim, este trabalho se propõe a ser um espaço de reflexão e diálogo sobre maternidade e da Educação Inclusiva, contribuindo para uma compreensão mais ampla e humanizada da experiência de ser mãe e educadora.

Através deste relato pretendo não apenas compartilhar minhas vivências pessoais, mas também estimular a reflexão sobre a construção de práticas educacionais inclusivas e sobre o papel da maternidade nessa situação. Em um mundo cada vez mais desigual e confuso, o progresso da inclusão se torna uma missão não apenas profissional, mas também um compromisso ético e social, que inicia dentro de casa e se desenvolve para a comunidade escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho adota a abordagem autobiográfica como metodologia principal, permitindo a análise profunda e reflexiva das minhas experiências pessoais e profissionais, especialmente no contexto da maternidade e do meu papel como professora auxiliar na educação especial e inclusiva.

A abordagem autobiográfica é uma perspectiva da pesquisa qualitativa, centrada na narrativa do sujeito-pesquisador, que, ao compartilhar minhas experiências de vida, permiti uma análise explicativa e particular do meu percurso

pessoal e profissional. O relato autobiográfico, além de refletir a realidade vivenciada por mim, visa proporcionar uma compreensão ampliada sobre ligação entre a maternidade e a prática pedagógica na educação especial. Moraes e Bragança, (2021) enfatizam que:

Acrescentamos a essa perspectiva a contribuição das narrativas (auto)biográficas escritas como produtoras de outros sentidos e lógicas que foram se descortinando, em meio às necessidades e emergências, em que o sujeito, passou a ser visto pelos pesquisadores e a comunidade científica, como produtor de saberes e conhecimentos (Moraes, Bragança, 2021, p.187)

Eles sugerem que, ao longo do tempo, as narrativas pessoais e autobiográficas passaram a ser valorizadas como fontes legítimas de saberes, reconhecendo o indivíduo (o sujeito da narrativa) como um produtor de conhecimento.

Além disso, o texto aponta que essas narrativas emergem em contextos de necessidades e urgências específicas, em que as experiências pessoais do sujeito ganham relevância e são vistas de maneira diferente pela comunidade científica e pelos pesquisadores. Ou seja, ao narrar suas próprias experiências e trajetórias, o indivíduo contribui para a construção de novos entendimentos e práticas, que antes poderiam ser desconsiderados ou negligenciados.

Assim, os autores reforçam que as histórias de vida, antes vistas apenas como relatos pessoais, hoje são reconhecidas como formas legítimas de gerar conhecimento, especialmente em áreas que envolvem a prática e a experiência humana, como a educação e a pesquisa social.

A metodologia autobiográfica neste trabalho é construída por meio da organização de memórias e vivências pessoais. Essas experiências foram registradas em diários reflexivos nesses dois anos de (2023 e 2024) trabalho como professora auxiliar de Educação Especial, aliadas ao meu papel como mãe.

Os registros incluem:

- Minha jornada como mãe de uma criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e TOD (Transtorno Desafiador Opositor);
- Diagnóstico do meu filho (TEA, TDAH, TOD);
- O papel da família com a mãe de criança atípica;
- Desafios na busca de recursos para meu filho;
- Minhas experiências na sala de aula com uma criança autista;

Considerando a natureza pessoal dos relatos, asseguro que as descrições do estudante preservam a confidencialidade e o anonimato, evitando a menção de nomes ou informações que possam identificar indivíduos diretamente. A proposta deste trabalho é compartilhar as minhas experiências sem violar a privacidade das pessoas envolvidas, sendo fiel ao propósito de reflexões pessoais e profissionais.

MINHA JORNADA COMO MÃE DE UMA CRIANÇA COM TEA, TDAH E TOD

Meu nome é Juliana sou casada a dezesseis anos, minha família é composta por mim, meu esposo, minha filha de quatorze anos e meu filho de dez anos, antes dos diagnósticos vivi momentos de dúvidas, incertezas pois desde pequeno percebia que meu filho era diferente ao mesmo tempo achava normal pelo que se dizia nem toda criança é igual, foi onde na escola começou as coisas não eram muito fácil dificuldade de se concentrar, de socializar, com um tempo depois de muita conversa com minha irmã ela me incentivou buscar ajuda, como a consulta de um Neuropediatra onde relatando o dia a dia do meu menino em casa e na escola Dr. me deu os dois primeiros diagnósticos de TDAH e TOD e com passar do tempo entre consulta e outra ele me deu o outro diagnóstico de TEA.

A maternidade é uma experiência repleta de desafios e alegrias, e quando se trata de criar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo os autores Lopes, Renata; Pacheco, Eliane (2015, p.34) “O Transtorno do Espectro Autista se caracteriza por um conjunto de dificuldades que envolvem a comunicação, a interação social e a presença de comportamentos repetitivos e restritivos.” Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), os autores Morrone, Érika; Carvalho, Eduardo (2016, p.23) destaca que: “O TDAH é um transtorno que se manifesta por um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade impulsividade, interferindo no funcionamento e desenvolvimento da criança.” e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), os autores Pereira, Priscila (2017, p.55) relata que: “O Transtorno Opositivo Desafiador é caracterizado por um padrão de comportamentos desafiadores, hostis e desobedientes em relação a figuras de autoridade, que podem gerar conflitos significativos no ambiente familiar e escolar.” essa jornada se torna ainda mais complexa e enriquecedora. Desde o momento em que recebi os diagnósticos do meu filho ele tinha uns seis anos, minha vida e a vida do meu filho mudaram de maneiras que eu nunca poderia imaginar. Enfrentar os

desafios diários associados a esses diagnósticos exige superação e paciência e um amor incondicional que guia cada decisão. Essa vivência não apenas orientou a minha abordagem como mãe, mas também enriqueceu minha prática como educadora permitindo-me aplicar um olhar mais sensível e compreensivo em minha atuação profissional.

Ao longo dessa jornada, aprendi a importância da escuta ativa e da comunicação clara, que são fundamentais tanto em casa quanto na sala de aula. A escuta ativa se refere a prestar atenção com cuidado ao que o outro está dizendo, enquanto a comunicação clara garante que a mensagem seja compreendida corretamente. Cada desafio enfrentado me ensinou a valorizar pequenas conquistas, lembrando-me de que o progresso pode ser delicado, mas é sempre significativo. Essa perspectiva me fez perceber que é essencial celebrar cada passo dado, não apenas pelo meu filho, mas também pelo estudante que acompanho, reconhecendo sua individualidade e necessidade.

Além disso, essa experiência de ser mãe de uma criança especial, me incentivou a buscar constantemente formação e atualização na área da Educação Especial. Estou mais consciente da diversidade de aprendizados e das diferentes formas de expressão que cada criança pode ter. Isso me levou a adaptar metodologias e criar um ambiente mais inclusivo, onde todos se sentem valorizados e respeitados. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo seus sentimentos, perspectivas e emoções, sem julgá-los. Ela envolve tanto a compreensão cognitiva, entender o que a outra pessoa está passando, quanto a dimensão emocional, ou seja, sentir com o outro. Diferente de simpatia, que é simplesmente sentir pena ou compaixão, a empatia implica uma conexão mais profunda, onde a pessoa busca entender verdadeiramente o que o outro sente, respondendo de maneira sensível e apropriada às suas necessidades, desenvolvida por meio das dificuldades enfrentadas, também me fez perceber a importância do apoio comunitário e da colaboração entre famílias e educadores. Essa rede de apoio é essencial para compartilhar experiências, trocar conhecimentos e, acima de tudo, fortalecer a confiança mútua.

Por fim, essa vivência me ensinou a ser mais paciente e a cultivar um espírito de esperança. Cada dia traz novos desafios, mas também novas oportunidades de aprendizado e crescimento. Assim, busco inspirar não apenas meu filho, mas também

meu estudante, a enfrentar suas dificuldades com coragem e determinação, sempre lembrando que a jornada é tão valiosa quanto o destino.

O DIAGNÓSTICO DO MEU FILHO

Receber o diagnóstico do meu filho foi um momento difícil. Como mãe, eu experimentei uma montanha-russa de emoções: medo, confusão, tristeza, e ao mesmo tempo esperança. No início, a incerteza sobre o futuro me amedrontava. Eu me perguntava como ele se encaixaria no mundo e como poderíamos enfrentar os desafios que viriam. A busca por informações sobre cada um dos transtornos se tornou uma prioridade, pois eu sabia que compreender as condições do meu filho era fundamental para apoiá-lo adequadamente.

Aprendi muita coisa na universidade com aulas da Educação Especial com o Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda, assunto novo mais que tive que ter bastante atenção, por causa do meu filho logo porque recebi os diagnósticos dele tardiamente. Quando ele tinha uns dois anos, notava muita coisa diferente, porém achava normal porque nem toda criança se desenvolve da mesma maneira como as outras. Na minha cabeça, era cada criança no seu tempo. TEA, TOD, TDAH, naquela época nos anos de 2015, 2016 não eram assuntos tão conhecidos como hoje em dia, em que temos muitas informações sobre o assunto.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trouxe desafios significativos em relação à comunicação e socialização além disso ele comportamentos repetitivos, como por exemplo movimento com a mão que ele fica fazendo a todo momento. Eu vi meu filho lutando para se conectar com outras crianças, e isso partiu meu coração. Comecei a procurar terapias e métodos isso sugere a busca ativa por intervenções que pudessem ajudar no desenvolvimento e bem-estar do meu filho, o que é comum entre pais de crianças com condições como o TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Essa busca pode incluir tanto abordagens terapêuticas voltadas para melhorar as habilidades sociais e de comunicação quanto métodos mais amplos de intervenção comportamental ou educacional, como ABA, Terapia Ocupacional, fonoaudiologia, entre outros. É um processo muitas vezes desafiador, onde nós pais precisamos explorar diferentes opções até encontrarem as mais adequadas para as necessidades específicas de nossos filhos. que pudessem ajudá-lo a desenvolver suas habilidades

sociais e de comunicação. A cada pequeno progresso, mesmo que pequeno, sentia uma onda de felicidade e esperança. Terapias e métodos que, desde o diagnóstico, tive que me esforçar para encontrar, pois não consegui o apoio necessário pelo SUS (Sistema Único de Saúde), o motivo de não conseguir foi e é a espera para ser chamado, mas fui incluindo ele nos grupos de igreja, como coral, catequese, e foi melhorando muito a questão de socializar, ele já brinca, até dança, coisas que antes ele não fazia. Hoje em dia, ele também participa de aulas de flauta.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) trouxe suas próprias dificuldades, especialmente em relação à concentração e também a hiperatividade agitação constante, ele tem dificuldade de permanecer sentado por muito tempo. Muitas vezes, ele se sente frustrado por não conseguir se concentrar nas tarefas ou por agir sem pensar nas consequências. Através de orientações e estratégias como rotina estruturada e previsível, crianças com TEA e TDAH se beneficiam de uma rotina consistente, o que lhes dá um senso de segurança e previsibilidade. Um cronograma claro pode ajudar a evitar crises, especialmente com as mudanças bruscas, utilizar recompensas e elogios para incentivar comportamentos desejados é uma estratégia comum para o manejo do TOD. Reforçar cada pequeno progresso, mesmo que pareça pequeno, ajuda a construir autoestima e motivação. estamos aprendendo a criar um ambiente mais estruturado e acolhedor, o que ajudou a minimizar alguns dos desafios diários. Teve uma melhora muito significativa como por exemplo ele começou a se socializar melhor com as pessoas, tem maior autocontrole emocional, melhorou na concentração e foco.

Além disso, o Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) trouxe uma luta constante contra comportamentos desafiadores como demonstrar desobediência e argumentar contra figuras de autoridade (pais, professores), mostra frustração facilmente, podendo perder a paciência com frequência. É difícil lidar com a resistência e a rebeldia, e muitas vezes sentia que estávamos em um ciclo interminável de conflito. Contudo, com paciência e apoio familiar e agora profissional, onde ele faz a aula de flauta, vai iniciar com a psicóloga, e vamos aprender a implementar técnicas de disciplina positiva e a promover um diálogo aberto que promove uma abordagem mais humanizada e colaborativa para o tratamento de crises psicológicas, incentivando a participação ativa do meu filho e sua rede de apoio em um ambiente de escuta e respeito mútuo. Isso vai ajudar meu filho a se sentir mais seguro, mas também fortalecer nosso vínculo.

Com o tempo, percebi que cada um desses desafios, embora árduos, também traziam oportunidades de aprendizado e crescimento para toda a família. A jornada não é fácil, mas a garra que desenvolvemos e a compreensão que adquirimos sobre as necessidades do meu filho nos uniu de maneiras que nunca imaginei. Hoje, com mais informação e apoio, sinto esperança de que ele encontrará seu lugar no mundo, e que, juntos, enfrentaremos qualquer obstáculo que surgir.

O PAPEL DA FAMÍLIA COM A MÃE DE CRIANÇA ATÍPICA

Nessa seção, iremos abordar a importância do papel da família no apoio à mãe de uma criança atípica. Criar uma criança que apresenta necessidades especiais, como aquelas com Transtorno do Espectro Autista, TOD ou TDAH, pode ser um desafio imenso, e o suporte familiar é essencial nesse processo.

Primeiramente, é fundamental que a família se una em torno da mãe oferecendo não apenas apoio emocional, mas também prático. Isso pode incluir a divisão de responsabilidades diárias, como cuidados com a casa e acompanhamento em consultas médicas. Ao ajudar com essas tarefas, a carga sobre a mãe é aliviada, permitindo que ela se concentre mais nas necessidades da criança.

Além disso, a comunicação aberta é fundamental, como ouvir a mãe, reconhecendo suas experiências. As mães de crianças atípicas podem se sentir isoladas ou incompreendidas. Estar presente, para ouvir ou oferecer palavras de incentivo, faz uma grande diferença.

Outra atitude importante é incentivar toda a família a aprender sobre as condições que a criança enfrenta podendo promover um entendimento mais profundo e solidário como por exemplo compartilhar informações de forma acessível, promover conversas abertas, envolver as famílias nas terapias, mostrar a importância do apoio familiar, criar uma rede de apoio familiar. Isso não só ajuda a família a lidar melhor com os desafios, mas também fortalece os laços familiares, pois todos se tornam parte do processo.

Enfim, é essencial que a família também cuide de si mesma. Pois o autocuidado é fundamental para que todos possam estar em um estado emocional saudável e, assim, oferecer o melhor suporte possível para a mãe e à criança. Para mim, o papel da família foi uma rede de apoio essencial apesar de passar por momentos conturbados no relacionamento, pois em meio aos diagnósticos do meu

filho, meu esposo passava por problemas com alcoolismo, fazendo assim com que tudo se tornasse difícil, com a compreensão e amor da minha família, estou conseguindo lidar com a situação. Ao trabalharmos juntos nessas duas situações, estamos criando um ambiente mais acolhedor e propício no desenvolvimento do meu filho e do meu bem-estar.

Com o apoio que tenho da minha família consigo ajudar a mãe do meu estudante. Na seção seguinte, irei relatar como é em sala com ele, sinto muitas vezes, o cansaço da mãe e do pai da criança, sinto na pele deles que não é fácil e me sinto segura de falar e ao mesmo tempo apoiar.

DESAFIOS NA BUSCA DE RECURSOS PARA MEU FILHO

A busca por recursos para meu filho tem sido repleta de desafios que exigem coragem e determinação. Um dos principais obstáculos é a falta de informação clara e direta sobre as opções de tratamento e suporte disponíveis. Muitas vezes, me deparei e me deparo com uma sobrecarga de conhecimentos, mas com pouca orientação de como proceder. A dificuldade para encontrar profissionais qualificados pelo SUS é outro desafio grande. Apesar de ter terapeutas e educadores dedicados, a falta de especialistas com experiência específicas em TEA, TOD e TDAH é preocupante na saúde pública do município de Codó.

Isso se resume em longas esperas por consultas, levando meses para eu conseguir. Às vezes, nem consigo, tendo que pagar para poder conseguir novas receitas de medicamentos até mesmo laudo. A consulta com a psicóloga, eu nunca tinha conseguido e me vi obrigada a pagar algumas seções. Porém, depois de três anos, hoje ele tem dez anos e consegui a psicóloga que agora trabalha no local onde ele tem aula de flauta.

As terapias eu não consegui ainda, portanto eu acredito que a aula de flauta seja uma terapia, confirmado pelos relatos da coordenação e do professor do local. Ele se sente bem em estar fazendo a aula. Por mais que sejam duas vezes na semana, já ajudou bastante. Além disso, o sistema educacional muitas vezes apresenta barreiras na inclusão. Ainda que haja leis que garantam o direito à Educação Especial, a prática dessas diretrizes pode ser inconsistente. Enfrentar a resistência de algumas instituições em adaptar currículos ou oferecer suporte adequado tem sido um desafio constante, exigindo que eu me torne uma defensora

ativa dos direitos do meu filho. Na escola que ele estuda ano de 2023 cheguei a discutir várias vezes com a professora dele, por falta de profissionalismo dela e de conhecimento. Muitas vezes chegou a dizer que as crises dele era malcriação e eu sei que não era, chegando a deixar ele traumatizado sem querer ir à escola.

A diferença de quem tem conhecimento para a professora que não tem, é nítida. Esse ano a professora dele é bem paciente, trata meu menino com mais carinho sem contar que o mesmo, esse ano tem uma auxiliar que é um amor com ele, tendo em vista que meu filho tem mais vontade de ir a escola uma vez ou outra tem preguiça. Em algumas ocasiões, houve reclamações sobre o comportamento do meu filho, pois ele adormecia na sala de aula. Expliquei que isso ocorria devido ao efeito do medicamento, e a professora compreendeu e me ajudou. Agora ele não dorme mais durante as aulas.

A burocracia também se torna um obstáculo, pois a demanda para obtenção de laudos, encaminhamentos e recursos financeiros podem ser complicados e demorados, podendo ser estressante e desgastante.

Por fim, a carga emocional que essa luta impõe não deve ser desprezada, pois o sentimento de impotência por ter visto meu filho enfrentar dificuldades sociais e escolares foi doloroso. É fundamental encontrar um equilíbrio entre cuidar dele e cuidar de mim mesma, o que nem sempre é fácil em meio a tantas exigências. Apesar desses desafios, eu continuo motivada a buscar os melhores recursos para meu filho. Cada pequeno avanço é uma vitória, e a determinação de garantir que ele tenha acesso a uma educação de qualidade e às terapias necessárias é o que me impulsiona a seguir em frente.

MINHAS EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA COM UMA CRIANÇA AUTISTA

Para preservar a identidade e o anonimato dos participantes da pesquisa utilizaremos as iniciais dos nomes de cada um. Trabalho como professora auxiliar do R... com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ele é laudado. Trabalho desde o ano de 2023 na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo, assim que iniciei o R... ele mostrou uma certa resistência comigo por ele ser acostumado só com a professora regente da sala, mesmo ela tendo me recebido bem e me deixado a vontade para eu trabalhar com a criança, a experiência foi enriquecedora e ao mesmo tempo desafiadora. Desde o início, percebi que estabelecer uma conexão pessoal seria

fundamental. Dediquei tempo para conhecer R..., seus interesses e preferências, o que me ajudou a criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor.

No entanto, enfrentei desafios, especialmente em relação a comportamentos desafiadores, que muitas vezes surgiam devido à sobrecarga sensorial que é uma condição que pode causar grande desconforto e impacto na vida cotidiana de uma pessoa, especialmente para aqueles com TEA. A compreensão e o apoio de familiares, amigos e profissionais são fundamentais para ajudar a lidar com essa condição e melhorar a qualidade de vida ou dificuldades de comunicação, pois o R... é uma criança autista não verbal.

Tive que utilizar recursos visuais, como cartões e quadros, para facilitar a comunicação, permitindo que ele se expressasse de maneira mais eficaz. Mesmo utilizando esses recursos, continuei com dificuldade pois ele não escrevia, não fazia nada de atividade que lhe era proposta, mais em uma das aulas com o Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda na Universidade ele citou a questão de focar no que a criança gostasse, como cor favorita e estabelecer uma atividade sobre isso.

Assim fiz para ele começar pelo menos a pintar as atividades, mostrava sempre a cor azul, a preferida dele e assim ele foi tomando gosto por isso, R... gosta muito de fazer desenhos no quadro, não em caderno, usei dessa prática para fazer o mesmo escrever letras no quadro e assim a criança fazia. Eu dizia: faz a letra "A" e ele fazia, entretanto, tudo com ele tem um tempo determinado. Quando ele se cansa, abandona a atividade e começa a ter crises, querendo se jogar no chão.

Esses momentos são tensos na sala de aula, pois os outros alunos ficam preocupados com a situação. No entanto, com paciência e carinho, eu consigo acalmar e reverter a situação.

Amo meu trabalho, como mãe de uma criança autista eu sei o que fazer e como proceder com cada um deles, levo meu amor de mãe para meu ambiente de trabalho e isso se torna tão leve, é satisfatório conviver e abraçar a criança, digo que faço meu trabalho tão bem que os pais do R... ficam perguntando na escola se eu não ia voltar e é bom saber e ouvir isso da mãe e do pai de meu estudante.

Aqui encerro minha experiência em sala de aula satisfeita com cada aprendizado que tenho lá e que levo de casa com minha experiência materna, pois como mãe me sinto tão segura em compartilhar momentos com a mãe de meu aluno, coisas que acontece, como por exemplo, na crise, eles às vezes, agredem a gente,

quando passa o ocorrido, a mãe fica se sentindo culpada mas por eu ser mãe e saber como acontece, eu transmito para ela tranquilidade para que não se sinta culpada, pois ela e nem eles tem culpa. Acontece, por isso é bom sempre estamos atrás de conhecimentos.

Essa experiência também me ensina que, apesar dos desafios, a Educação Inclusiva é imensamente gratificante. Para outros educadores, minha recomendação é estar sempre aberto a aprender e adaptar as abordagens. Cada interação representa uma oportunidade de crescimento, tanto para o estudante quanto para o educador, e é esse vínculo que faz a diferença na sala.

“A inclusão escolar de crianças com autismo requer do professor a adoção de estratégias pedagógicas flexíveis, que considerem as características específicas de cada aluno. A compreensão das necessidades sensoriais e emocionais, o uso de comunicação alternativa e a criação de um ambiente previsível e acolhedor são elementos centrais para promover o desenvolvimento educacional e social desses alunos” (Schwartzman, 2011, p. 89).

O autor destaca a importância de uma abordagem pedagógica flexível para a inclusão de crianças autistas na escola. Isso significa que o professor precisa adaptar suas estratégias de ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno.

Refletindo sobre essas experiências, posso dizer que a verdadeira inclusão vai muito além de ajustes didáticos; ela requer empatia, escuta ativa e disposição para modificar tanto o ambiente quanto as próprias atitudes, sempre com o objetivo de criar um espaço onde todos possam se sentir valorizados.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa autobiográfica demonstram que a experiência de ser mãe e professora auxiliar na Educação Especial e Inclusiva é profundamente relacionada. A empatia, a formação contínua e a construção de um ambiente acolhedor são pilares fundamentais para a inclusão efetiva. Além disso, a reflexão crítica sobre a prática docente e a busca por um diálogo colaborativo podem contribuir significativamente para a transformação do cenário educacional em direção a uma verdadeira inclusão.

A análise das minhas experiências como mãe e professora auxiliar na Educação Especial e Inclusiva revelou resultados significativos que refletem os aprendizados e as transformações que ocorreram ao longo do tempo. A convivência diária com meu filho e meus estudantes ampliou minha capacidade de empatia. Aprendi a ouvir e entender as necessidades emocionais e educativas de cada criança, levando em conta suas particularidades. Por exemplo, ao observar meu filho enfrentando dificuldades nas interações sociais, pude aplicar estratégias semelhantes em sala de aula. Essa empatia não apenas melhorou as relações com meus estudantes, mas também me permitiu ser uma mãe mais atenta e compreensiva em relação às demandas do meu filho.

Além disso, a prática constante de autoavaliação e a busca por opiniões, tanto de colegas quanto de familiares, foram essenciais para aprimorar minha abordagem pedagógica. A troca de experiências com outros profissionais da educação e com pais de crianças com necessidades especiais criou um ambiente de aprendizado particular, onde pude refletir sobre minhas práticas e ajustá-las conforme necessário.

O desenvolvimento de um ambiente acolhedor, onde cada criança se sente valorizada e respeitada, revelou-se fundamental. Fui capaz de observar que, ao criar um espaço seguro para a expressão das emoções e das dificuldades, os estudantes se mostraram mais dispostos a participar e a se engajar nas atividades. Essa inclusão ativa não só favoreceu o aprendizado acadêmico, mas também promoveu o desenvolvimento social e emocional dos estudantes.

Por outro lado, a vivência das dificuldades enfrentadas, tanto em casa quanto na escola, trouxe à tona a necessidade de um suporte mais desenvolvido por parte das instituições educativas. A formação contínua não deve ser uma responsabilidade apenas do educador, mas sim uma prioridade institucional que promova a capacitação de todos os envolvidos no processo educativo. Essa mudança requer um compromisso coletivo em favor de uma educação inclusiva, onde recursos e formação estejam acessíveis a todos.

Afinal, a ligação entre minha vida pessoal e profissional me facilitou uma visão mais ampla sobre a educação inclusiva. Essa vivência prática reforçou a importância de uma abordagem focada na criança, que valoriza suas especialidades e capacidades, a experiência de ser mãe e professora não apenas enriqueceu minha

prática docente, mas também me transformou como pessoa, fortalecendo meu compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva.

“A inclusão escolar implica em criar condições de participação de todos os alunos, independentemente de suas características, de forma que possam aprender juntos e compartilhar experiências. Ela não se resume à presença física na escola, mas envolve adaptações pedagógicas, atitudes acolhedoras e o desenvolvimento de uma cultura de valorização da diversidade” (Mantoan, 2003, p. 17).

A autora traz uma reflexão profunda sobre o verdadeiro significado de "inclusão" no ambiente educacional. Não se trata apenas de inserir fisicamente os alunos com deficiência ou necessidades especiais em uma sala de aula regular, mas de promover uma cultura de aceitação e valorização das diferenças.

Refletindo sobre essa abordagem de Mantoan, acredito que a verdadeira inclusão é um esforço contínuo que envolve toda a escola, desde o planejamento pedagógico até a formação de uma cultura inclusiva. Essa visão nos desafia a pensar em como estamos estruturando nosso ensino e nossas relações, incentivando-nos a criar um ambiente em que cada estudante, com ou sem deficiência, se sinta pertencente e valorizado. A inclusão, como Mantoan sugere, não é uma concessão ou um favor, mas um direito de todos os alunos. Implementá-la de forma genuína exige empenho, flexibilidade e, acima de tudo, a compreensão de que cada estudante tem algo único a oferecer à comunidade escolar.

Na minha experiência, a prática da inclusão exige muito mais do que infraestrutura física ou recursos técnicos. Ela começa com a postura do professor e da comunidade escolar, que precisam adotar uma atitude verdadeiramente acolhedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, compartilhei minha jornada como mãe e professora auxiliar na Educação Especial e Inclusiva, refletindo sobre o encontro dessas experiências. Essa vivência me proporcionou uma compreensão profunda dos desafios e das alegrias que passam esses dois papéis. Os desafios enfrentados, desde a adaptação às necessidades de cada criança até a busca por estratégias pedagógicas inclusivas, foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional.

A importância da inclusão na educação se tornou ainda mais evidente para mim. Minha experiência como mãe de uma criança com TEA, TDAH e TOD aumentou minha visão sobre a diversidade e as particularidades que cada aluno traz para a sala de aula. Compreender a realidade das famílias e da criança R... me ajudou a desenvolver uma empatia que é essencial para a prática pedagógica.

As relações estabelecidas com estudantes, colegas e famílias foram pilares fundamentais nessa trajetória. Essas interações não apenas enriqueceram minha prática educativa, mas também me ensinaram sobre a força da comunidade e do apoio mútuo. Acredito que uma Educação Inclusiva se constrói a partir do envolvimento de todos os atores sociais, e estou convencida de que cada história trocada contribui para um ambiente mais acolhedor e respeitoso.


Com base nas reflexões que compartilhei, espero que outras profissionais da educação possam se inspirar e encontrar formas de lidar com a inclusão e a diversidade em suas práticas. A educação inclusiva é um caminho que requer coragem, paciência e dedicação, mas os frutos colhidos são incalculáveis.

Afinal, meus sonhos futuros como mãe e educadora são de continuar aprendendo e contribuindo para um ambiente escolar que valorize a individualidade de cada estudante. Desejo ver mudanças significativas na forma como a inclusão é abordada, promovendo um espaço onde todos se sintam pertencentes.

Agradeço a todos que me apoiaram nessa jornada, especialmente minha família e meus colegas, que sempre me incentivaram a buscar o melhor para meus estudantes e para minha própria aprendizagem e formação.

REFERÊNCIAS

- Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 78.
- FREUD, Anna. “**A Educação da Criança**”. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.45.
- Lopes, Renata; Pacheco, Eliane. **Transtorno do Espectro Autista: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Manole, 2015. p. 34.
- MANTOAN, Maria T. de Eglér. “**Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**” 6ª ed., São Paulo: Moderna, 2003, p.15-30
- MANTOAN, M. T. E. (2003). **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Moderna
- MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. A arte da narração nas invenções de si no contexto de uma pesquisa formação. **REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA**, VOLUME 18, NÚMERO 54, 2021 PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.
[HTTP://DX.DOI.ORG/10.5935/2238-1279.20210059](http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20210059)
- Morrone, Érika; Carvalho, Eduardo. **Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: Teoria e Prática**. 2ª ed. São Paulo: Editora Manole, 2016. p. 23.
- Pereira, Priscila. **Comportamento Desafiador: Intervenções e Práticas na Escola**. São Paulo: Editora Pearson, 2017. p. 55.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. “**Maternidade**”: A Arte de ser Mãe. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p.23
- Schwartzman, J. S. (2011). **Autismo: Manual para pais e profissionais**. Memnon Edições Científicas
- VYGOTSKY, Lev. “**A Formação Social da Mente**”. São Paulo: Martins Fontes, 1998

APÊNDICE**APÊNDICE- TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**
CAMPUS CODÓ

AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Cleide da Luz Aguiar CPF: 42757541315 RG: 028538882004- 8
Gestora da UIM Escolar Comunitária Codó Novo, no bairro: Codó Novo – Codó/MA, autorizo
a aluna Juliana Nascimento Assunção Azevedo, estudante do curso de Licenciatura em
Pedagogia, UFMA – Codó a utilizar informações do referido Escola Comunitária Codo Novo,
para a elaboração do seu trabalho de Conclusão de Curso, orientado pelo professor dr Joelson
de Sousa Morais.

Para maior clareza, firmamos o presente.

Codó 19 de 09 de 2024

Maria Cleide da Luz Aguiar
Gestora da Escola Comunitária Codó Novo

a universidade que a gente quer

Av. Dr. José Anselmo, 2008, Codó/ MA – CEP: 65400-000
Telefones – (98) 3272 - 9779 / 32272 - 9775
E-mail: direção_ufmacodo@ufma.br